



# Construção de conhecimento sobre as relações de gênero na Educação Física escolar: análise documental do Blog Dibradoras

*Construction of knowledge about gender relations in school Physical Education: documental analysis of the Blog Dibradoras*  
*Construcción del conocimiento sobre las relaciones de género en la Educación Física escolar: análisis documental del Blog Dibradoras*

Maria Clara Pimenta Campos   
Instituto Federal de São Paulo, São José dos Campos, São Paulo, Brasil.   
[clarapimenta1912@gmail.com](mailto:clarapimenta1912@gmail.com)

Livia Roberta da Silva Velloso   
Instituto Federal de São Paulo, São José dos Campos, São Paulo, Brasil.   
[livia\\_velloso@hotmail.com](mailto:livia_velloso@hotmail.com)

Daniel Teixeira Maldonado   
Instituto Federal de São Paulo, Jacareí, São Paulo, Brasil.   
[danielmaldonado@yahoo.com.br](mailto:danielmaldonado@yahoo.com.br)

10.31668/praxia.v5i0.14196 

**Resumo:** O objetivo desse estudo foi analisar as relações de gênero existentes nas práticas corporais, a partir das reportagens publicadas no Blog Dibradoras, na perspectiva de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual online. Foram analisadas as reportagens publicadas no Blog Dibradoras entre os anos de 2020 e 2021 sobre a temática em tela. O material empírico foi submetido à análise temática. Os seguintes temas foram evidenciados no estudo: representatividade feminina no esporte; preconceito social e o descaso com o esporte; impactos da pandemia no esporte feminino; histórias de engajamento feminino no esporte; e assédio contra as mulheres no esporte. Concluímos que as mulheres ainda vivem diversas opressões para garantir a sua representatividade no mundo das práticas corporais, mas com um processo de engajamento coletivo, elas estão ganhando o seu espaço.

**Abstract:** The aim of this study was to analyse existing gender relations in bodily practices, based on reports published on the Dibradoras Blog, with a view to producing knowledge that can be problematized in Physical Education classes in High School. This is qualitative research on the interpretation of documents in a virtual online environment. The reports published on the Blog Dibradoras between the years 2020 and 2021 on the subject on screen were analyzed. The empirical material was subjected to thematic analysis. The following themes were highlighted in the study: female representation in sports; social prejudice and neglect of sport; impacts of the pandemic on women's sport; stories of female engagement in sport; and harassment of women in sport. Women still experience various oppressions to ensure their representation in the world of bodily practices, but with a process of collective engagement, they are gaining their space.

**Palavras-chave:**  
Relações de gênero.  
Práticas corporais.  
Blog Dibradoras.  
Educação Física escolar.

**Keywords:**  
Gender relations.  
Body practices.  
Blog Dibradoras.  
School Physical Education.

**Palabras clave:**

Relaciones de género.  
Prácticas corporales.  
Blog Dibradoras.  
Educación Física escolar.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo analizar las relaciones de género existentes en las prácticas corporales, a partir de informes publicados en el Blog Dibradoras, con el objetivo de producir conocimientos que puedan ser problematizados en las clases de Educación Física. Se trata de una investigación cualitativa sobre la interpretación de documentos en un entorno virtual en línea. Se analizaron los reportajes publicados en el Blog Dibradoras entre los años 2020 y 2021 sobre el tema que nos ocupa. El material empírico fue sometido a análisis temático. Los siguientes temas fueron destacados en el estudio: representación femenina en los deportes; prejuicio social y desprecio por el deporte; impactos de la pandemia en el deporte femenino; historias de participación femenina en el deporte; y acoso contra la mujer en el deporte. Concluimos que las mujeres aún experimentan diversas formas de opresión para asegurar su representación en el mundo de las prácticas corporales.

## **Introdução**

O currículo, como um espaço de disputa pela formação de um determinado tipo de sociedade, estimula a organização de atividades de ensino, normas escolares, materiais didáticos, instrumentos de avaliação, linguagens e teorias educacionais que podem proporcionar a construção das diferenças de gênero e sexualidade nos ambientes educacionais (Louro, 2001).

Os ensinamentos aprendidos na escola sobre as questões de gênero, quando não discutidos de maneira crítica e atualizada, podem interferir negativamente na nossa construção sociocultural e identitária. Dessa forma, a escola, como instituição formadora, socializa os(as) estudantes sobre questões relacionadas ao conhecimento científico, artes, literatura, na forma como eles e elas se relacionam com o mundo, transmitindo valores, reforçando ou subvertendo comportamentos, enfim, participando da esfera dos desejos e subjetividades (Gomes, 2019).

A Educação Física, como uma área de conhecimento vinculada no seu processo histórico com as Ciências Biológicas, não escapa das amarras normatizantes que padronizam o corpo e a gestualidade de homens e mulheres, independente da sua orientação sexual, características físicas e história de vida. Portanto, as políticas educacionais brasileiras, principalmente nas primeiras décadas do século XX, identificaram na Educação Física Escolar e no esporte um espaço de controle corporal das pessoas, propondo a valorização do corpo esteticamente belo e o aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna e as demandas do trabalho capitalista (Goellner, 2003).

Indo ao encontro dessa realidade, os estudos conduzidos por Altamann, Mariano e Uchoga (2012), Corsino e Auad (2014), Dornelles e Dal'Igna (2015), Nicolino e Paraíso (2018) e Garcia e Brito (2018) mostraram que os professores e as professoras de Educação Física Escolar produzem metodologias de ensino sexistas em suas aulas, reproduzindo a desigualdade de gênero existente na sociedade.

Todavia, enfatizamos que muitos(as) docentes de Educação Física, contrariando os pressupostos epistemológicos sexistas da área, já têm desenvolvido projetos educativos que problematizam as relações de gênero a partir de diversas práticas corporais e da produção acadêmica das Ciências Humanas. Ao acessarem esses conhecimentos e ampliarem a sua leitura de mundo, os(as) discentes da Educação Básica questionam estereótipos, preconceitos e discriminações contra as mulheres e as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero (Maldonado, 2020; 2021).

Com a intencionalidade de ampliar esse debate, entendemos que se torna extremamente relevante analisar publicações realizadas por mídias contra



hegemônicas, principalmente aquelas que procuram problematizar as relações de gênero inerentes às práticas corporais, na perspectiva de construir conhecimentos científicos para contextualizar a realidade vivenciada pelas pessoas do gênero feminino no mundo dos esportes.

Assim, o objetivo desse estudo foi analisar as relações de gênero existentes nas práticas corporais, a partir das reportagens publicadas no Blog Dibradoras, na perspectiva de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio.

## Método

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009) em ambiente virtual *online* nas reportagens disponíveis nos endereços digitais do Blog Dibradoras<sup>1</sup>, que surgiu com a ideia de promover a participação das mulheres em um meio que ainda é tão dominado por homens e desde 2015 apresenta e representa o protagonismo feminino no esporte.

Segundo dados do próprio Blog, enquanto a mídia tradicional esportiva faz 97% da sua cobertura focando em esportes masculinos – e dedica só 3% aos esportes femininos –, o Dibradoras realiza 100% da sua cobertura focada no protagonismo das mulheres no esporte, na perspectiva de contar a história delas para que meninas possam se inspirar e aprender desde cedo que os campos, as quadras, os tatames, as piscinas e as bancadas esportivas também são espaços para elas.

A pesquisa foi efetuada em etapas: 1. Exploração das abas e *links* disponíveis no endereço eletrônico entre os anos de 2020 e 2021 (por ser o período mais intenso da pandemia de COVID 19); 2. Localização das reportagens sobre as manifestações da cultura corporal femininas publicadas no Blog; 3. Descarga das reportagens para o computador pessoal dos(das) pesquisadores(as). 4. Leitura e seleção de todo o acervo digital que versa sobre a participação das mulheres nas práticas corporais; 5. Análise temática das relações de gênero que atravessam o mundo das práticas corporais.

Após a análise das reportagens selecionadas no Blog Dibradoras, foram encontradas 287 notícias ao todo, sendo 224 em 2021 e 63 em 2020. Dessas, 113 foram selecionadas para uma análise mais aprofundada. As matérias jornalísticas excluídas tratavam apenas de resultados de jogos ou exposição de campeonatos esportivos, sem fazer uma relação mais aprofundada sobre as relações de gênero que atravessam as práticas corporais.

O material empírico foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca, a partir de um

conjunto de materiais, sejam originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, de padrões repetidos de significados, através de um constante movimento de reflexão crítica (Braun; Clarke, 2006).

Utilizamos as seis fases da análise temática nesta pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006). Na fase 1, nos familiarizamos com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produzimos códigos iniciais a partir dos dados (preconceitos e discriminações contra as mulheres no meio esportivo, efeitos da pandemia para a participação das mulheres nos esportes e experiência de resistência feminina no mundo das modalidades esportivas). Ao iniciar a construção dos temas, entramos na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática. Assim, entramos na fase 5 com a definição e denominação dos temas. A fase 6 foi organizada pela escrita dos dados produzidos, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

Nesse contexto, as categorias temáticas identificadas foram “representatividade feminina no esporte, preconceito social e o descaso com o esporte, impactos da pandemia no esporte feminino, histórias de engajamento feminino no esporte e assédio contra as mulheres no esporte.

## **Representatividade feminina no esporte**

Esse primeiro tema é o que teve maior incidência no blog, sendo fruto da análise de 58 notícias. O esporte surgiu com o objetivo de unir nações e paixões, buscando sempre transformar sociedades. Contudo, a camada feminina da população foi silenciada e deixada de lado desse meio por muitos anos, reforçando o papel imposto para as mulheres dentro da sociedade. Durante as décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais ganhavam força, e o futebol feminino também entrou em pauta. As mulheres lutavam por seus direitos sobre seu próprio corpo e sexualidade em um contexto nacional de fim de ditadura militar, e as atletas aproveitaram para fazer uma partida de futebol inclusiva, em que jogaram representando o São Paulo e o Corinthians, em um festival em setembro de 1982, estrategicamente pressionando as instituições a regularizar a modalidade (Goellner, 2021).

Na atualidade, o machismo ainda é um grande empecilho para as figuras femininas no meio esportivo, porém elas estão conseguindo ganhar seu espaço, através de muita luta. Um reflexo disso pôde ser percebido nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021), em que as atletas americanas foram responsáveis por quase 60% das medalhas conquistadas, sendo essenciais para manter os Estados Unidos no topo da



pirâmide esportiva<sup>ii</sup>. Ainda nesse torneio, a tenista Naomi Osaka foi escolhida para acender a pira olímpica, emocionando o mundo e representando as mulheres no esporte em uma abertura histórica<sup>iii</sup>.

Na Argentina, a jogadora de futebol Mara Estefania Gomez ganhou visibilidade ao ser a primeira mulher trans que estreou no futebol profissional do país, trazendo a inclusão para as mulheres e para a comunidade LGBTQIAP+<sup>iv</sup>. Aqui no Brasil, cada vez mais é possível perceber o aumento da representatividade feminina no esporte, seja na ginástica, no vôlei, no futebol ou nas pistas de skate. Para ilustrar isso, não podemos deixar de citar a jogadora de futebol Marta, eleita seis vezes a melhor do mundo, que teve um papel muito importante na luta por igualdade de gênero no meio esportivo<sup>v</sup>.

Outra figura importante foi a skatista profissional Rayssa Leal, conhecida como Fadinha, que com apenas 13 anos de idade se tornou a atleta brasileira mais jovem a ganhar uma medalha olímpica. Em entrevista para a TV Globo, após receber medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021), Rayssa afirmou: “Skate é, sim, pra todo mundo. Qualquer outro esporte. A gente tá podendo provar que, felizmente, não é só pra meninos.”<sup>vi</sup> No basquete brasileiro, as mulheres também sofrem muito com a falta de apoio e visibilidade. Pensando nisso, a LBF (Liga de Basquete Feminino) lançou no dia 26 de agosto de 2020 a campanha “Levante a bola delas”, que reuniu atletas campeãs e personagens históricas para pedir por igualdade<sup>vii</sup>.

Apesar de nos cargos de comando esportivo as mulheres representarem a minoria, o Brasil teve uma conquista importante, ao ter uma mulher brasileira em destaque: a técnica de futsal Cris Souza que, em 2020, foi eleita pelo *Futsal planet Awards* como a melhor técnica de futsal feminino do mundo. Cris é técnica do Taboão da Serra feminino, e reforça em seus depoimentos o quanto fica feliz ao ver mulheres jogando, ansiando por maior voz e espaço para elas dentro do futsal e dos outros esportes<sup>viii</sup>.

Outro evento memorável aconteceu na Libertadores (2021), quando a árbitra brasileira Edina Alves Batista foi escalada para apitar a partida entre Defensa Y Justicia e Independiente Del Valle. Esse torneio existe há 61 anos, e nunca uma mulher havia sido escalada para apitar uma partida masculina, e Edina fez história ao lado de uma equipe 100% feminina<sup>ix</sup>. Ana Lorena Marche é uma mulher que também possui um papel importante para as atletas: coordenadora do FPF (Federação Paulista de Futebol), ela trabalha duro, lutando por maior inclusão feminina, e é sob seu comando que aconteceu em 2020 o 23º Campeonato Paulista de Futebol Feminino<sup>x</sup>.

Fora dos campos, quadras e pistas, também houve um aumento significativo de mulheres, pois podemos ver mais narradoras e comentaristas femininas em diversas

modalidades esportivas. Um exemplo disso é a Clara Albuquerque, que em 2017 teve a oportunidade de ser comentarista nos jogos da *Champions League* pela primeira vez<sup>xi</sup>. Outro exemplo aconteceu em junho de 2018, quando a narradora brasileira Isabelly Moraes abriu uma transmissão da Copa do Mundo, sendo a primeira mulher a conseguir tal feito. A profissional também trabalhou na transmissão de Santos x São Paulo, pelas quartas de final do Brasileiro Feminino em 2020<sup>xii</sup>.

No entanto, nenhuma dessas conquistas poderia ter acontecido sem um ambiente inclusivo, que traga para mulheres as condições necessárias para mostrar sua capacidade. Pensando nisso, a Neoenergia, uma das maiores empresas do setor elétrico, se tornou a primeira companhia do país a patrocinar exclusivamente a Seleção Brasileira feminina, buscando aumentar a participação das atletas socialmente e profissionalmente, oferecendo melhores oportunidades para elas<sup>xiii</sup>.

Na televisão, as mulheres também fazem história: em 2021, durante a transmissão de um jogo da equipe feminina do Brasil contra a da Austrália, a audiência de telespectadores da Rede Globo aumentou em 20% em São Paulo, e 40% no Rio de Janeiro, em relação aos jogos anteriores da equipe, segundo dados fornecidos pela própria rede televisiva<sup>xiv</sup>.

Em suma, esse tema busca mostrar a luta feminina no meio esportivo por voz, espaço e igualdade de gênero, constantemente lembrando que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive no esporte, como destacado por Rúbio e Veloso (2019), quando a autora e o autor mencionam que colocar em evidência o feito das mulheres atletas reforça o caráter de protagonismo por elas exercido, porém muitas vezes deixado de lado, em virtude dos projetos políticos de um esporte dominado pelos homens, produzindo representatividade a partir das suas próprias narrativas.

## **Preconceito social e o descaso com o esporte**

Esse tema possui 36 notícias, sendo o segundo mais abordado pelo blog nos anos de análise. Ele traz a discriminação contra os grupos sociais oprimidos no esporte, e os problemas enfrentados por essas pessoas na sociedade. A desigualdade de gênero, por exemplo, foi estruturada há muito tempo no mundo em que vivemos, já que o patriarcado e os outros pensamentos conservadores sempre se fizeram presentes, ditando como as mulheres deveriam se comportar, vestir ou falar, trazendo a ideia de que o sexo biológico masculino era mais forte e imponente, considerando a população feminina como frágil e incapaz. As justificativas mais usadas utilizam-se de aspectos biológicos para dizer que o sexo feminino é mais fraco quando comparado aos homens. Enquanto a prática do esporte masculino era incentivada, sendo uma forma de reafirmação da masculinidade, as mulheres eram proibidas de participar,



pois, por ser um esporte de contato, era considerado bruto para sua frágil natureza (Goellner; Kesler, 2018).

No esporte, isso é refletido constantemente: nos tempos mais antigos, as mulheres não podiam participar das práticas corporais vinculadas com as modalidades esportivas, apenas quando as mesmas eram usadas para ajudar no processo de reprodução. Os jogos olímpicos iniciais, que deram origem às olimpíadas, surgiram desde o século VIII A.C, porém só pôde ter participação feminina a partir do século XX. Mesmo nos dias atuais, as atletas ainda vêm sofrendo com o preconceito social, que dificulta sua jornada dentro do meio esportivo.

Para ilustrar isso, podemos citar a despedida da jogadora de futebol Formiga, já que esse evento contou com diversas falhas durante sua organização. O atraso na divulgação e o alto valor dos ingressos dificultou um momento que deveria ser de comemoração e homenagem, mostrando um descaso por parte da coordenação<sup>xv</sup>. Outro momento lamentável aconteceu no mesmo ano, quando a jogadora Marta, apesar de toda sua participação e conquista no futebol, foi para as olimpíadas sem patrocínio esportivo<sup>xvi</sup>. Essa situação não foi um caso isolado: as atletas de *flag football*, uma adaptação do futebol americano, foram disputar a Copa do Mundo que aconteceu em Israel, mas para se deslocar até o local, precisaram fazer uma vaquinha *online*, vender produtos e contar com a ajuda de amigos e familiares, já que não tiveram apoio das federações responsáveis<sup>xvii</sup>.

Na ginástica, podemos perceber mais um reflexo do machismo: a ginasta Simone Biles recebeu uma nota base muito menor ao movimento que executou nos Jogos Olímpicos de Tóquio. O movimento, conhecido como Yurchenko, é considerado um dos mais complexos da competição, porém recebeu uma nota inferior (6,6), nota esta que foi atribuída também a movimentos bem menos difíceis de serem executados. A desculpa usada foi a de que os juízes não queriam que atletas menos habilidosas do que Biles tentassem fazer o Yurchenko e acabassem lesionadas, no entanto os ginastas masculinos performam este mesmo movimento há muito tempo, e nunca sofreram nenhuma tentativa de controle, disfarçada em uma falsa medida de segurança como essa<sup>xviii</sup>.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio também evidenciaram a ausência de mulheres na comissão técnica da competição, já que apenas 26% de cargos disponíveis são ocupados por figuras femininas e, em esportes como o rúgbi, nenhuma mulher ocupa um espaço de treinadora ou assistente nas comissões técnicas. Esse fato ocorre devido à crença limitante e equivocada de que pessoas do gênero feminino não têm capacidade para liderar, sendo consideradas submissas e incapazes quando comparadas com o gênero oposto<sup>xix</sup>. Na televisão, a história se repete: somente 4% da

cobertura é dedicada às atletas femininas, mostrando a falta de visibilidade que a mídia proporciona para essas profissionais<sup>xx</sup>.

Dialogando com a temática, os casos de racismo presentes no esporte também evidenciam um cenário preconceituoso. Um exemplo disso aconteceu na Libertadores (2021), quando, em um jogo, a equipe feminina de futebol do Corinthians garantiu sua classificação no campeonato goleando o time do Nacional de 8x0. Uma jogadora uruguaia, descontente com a derrota, ofendeu a atacante Adriana, chamando-a de “macaca”, em uma referência racista à sua cor de pele<sup>xxi</sup>.

A comunidade LGBTQIAP+ também existe e resiste no esporte e, no dia do orgulho do movimento, times de futebol prestaram suas homenagens de diversas formas, seja com camisas personalizadas ou colorindo os gramados, ao levantar a bandeira de arco-íris em suas comemorações, sendo um gesto importante, já que no meio futebolístico a LGBTfobia ainda é tão presente e naturalizada<sup>xxii</sup>.

Em diálogo com a literatura produzida na área, Moura *et al.* (2017) e Rosa *et al.* (2020) identificaram diferentes formas de preconceito sofridos por mulheres que praticam rugby e futebol, enfatizando que essa realidade ainda é muito presente no território brasileiro. Todavia, esse tema visa mostrar as dificuldades e preconceitos sofridos pelos grupos mais desfavorecidos e oprimidos na sociedade e também no meio esportivo, colocando uma lupa na história dessas pessoas e conscientizando a população, mostrando que de frágil e incapazes eles não têm nada, e que o seu desempenho jamais será medido a partir do seu gênero, cor de pele, classe social ou sexualidade.

## **Impactos da pandemia no esporte feminino**

Nesse tema foram selecionadas sete notícias, que retratam sobre as dificuldades encontradas pelo esporte feminino durante os anos de 2020 e 2021, quando o mundo estava sofrendo em decorrência da pandemia do COVID-19. A desigualdade entre homens e mulheres é perceptível em todos os aspectos sociais e no campo das práticas corporais. Os apoios, incentivos e as visibilidades são claramente distintos, tanto na participação no esporte, quanto na gestão e na administração (GOELLNER, 2021). Sabendo disso, os impactos da doença foram maiores no esporte feminino já que, mesmo antes da situação pandêmica, as atletas já sofriam com a desigualdade de gênero no meio esportivo.

Durante esse período, muitos campeonatos foram encerrados precocemente, prejudicando os times e o desempenho das atletas. Essa havia sido a primeira vez que uma edição dos jogos olímpicos foi adiada, causando problemas físicos e psicológicos para os profissionais do esporte, deixando-os devastados e desmotivados, incertos



com o futuro pós-pandemia. Além disso, cortes de salários e perdas de patrocínios foram muito presentes, já que os patrocinadores estavam conseguindo uma menor quantidade de dinheiro, fazendo com que a verba distribuída para os times fosse diminuída. Podemos ver um reflexo disso na LBF (Liga de Basquete Feminino), que sofreu um corte de 60% no repasse, e preocupou os gestores. Algumas equipes dependem mais do apoio público, como o das prefeituras, fazendo com que essa crise tenha sido ainda maior para eles<sup>xxiii</sup>.

Os técnicos esportivos também sentiram reflexos da quarentena: acostumados com uma rotina agitada, cheia de compromissos e obrigações, tiveram que lidar com um dia a dia completamente diferente, porque formas novas de trabalho precisaram ser encontradas. Dialogando com isso, Tatiele Silveira, treinadora campeã brasileira pelo Ferroviária em 2019, comenta: “Essa rotina de quarentena é um desafio. A gente continua trabalhando, pensando futebol, pensando como a gente pode utilizar esse tempo de uma maneira produtiva, eficiente, assistindo jogos, buscando novos conceitos. [...] Agora, na parte do lazer, a verdade é que nunca pensei em ter tanto tempo livre”<sup>xxiv</sup>.

Nesse cenário, as atletas precisaram encontrar formas alternativas para treinar, e muitos times criaram seus próprios treinos para os profissionais fazerem em casa, sempre com o foco em respeitar as medidas de segurança, mas também visando aumentar o desempenho físico das jogadoras para que, quando a pandemia acabasse, elas tivessem um menor prejuízo físico e psicológico. O acompanhamento dos(as) técnicos(as) estava sendo minucioso, contando com o apoio do atendimento de psicólogos, fisioterapeutas e preparadores físicos, que ficavam constantemente preocupados(as) com a saúde mental e física das atletas<sup>xxv</sup>.

Silva *et al.* (2021) analisaram como as atletas da seleção brasileira de futebol narram suas sessões de treinamento no *Instagram* em meio ao período de distanciamento social imposto pela Covid-19. As publicações exibidas nos perfis de 18 atletas nos/entre os meses de março a julho de 2020 mostraram que é por meio da inventividade e da circulação de saberes que as atletas protagonizam e viabilizam, mesmo que de forma remota, os treinamentos essenciais à função de jogadoras profissionais.

Em outra perspectiva, a ex atleta Joanna Maranhão comentou sobre sua vivência no isolamento social, mostrando os desafios de conciliar a maternidade e o trabalho home office durante esse período e desabafou sobre a situação em um *post* no *Instagram*: “Achei que eu sabia o que era chorar por se sentir fracassada. Quantas vezes já chorei com aquele quarto lugar por 19 centésimos, pela medalha de prata nos Jogos Pan Americanos, por ficar fora de uma semifinal olímpica por menos de 10

centésimos. Nada, absolutamente nada disso se compara ao fracasso que uma mãe sente com os próprios julgamentos.”<sup>xxvi</sup>

O futebol se tornou uma importante ferramenta na luta e conscientização sobre a doença nas áreas mais vulneráveis do país. Nas comunidades, em que a fome e a falta de saneamento básico são uma realidade constante, o efeito do Covid-19 foi ainda maior. Pensando nisso, o time “Estrelas do Mandela”, do Complexo de Manguinhos na zona norte o Rio de Janeiro, lideraram uma campanha de arrecadação de alimentos, itens de higiene e álcool em gel para os(as) moradores(as) locais<sup>xxvii</sup>.

Em resumo, o mundo foi drasticamente afetado pelo Coronavírus, e não foi diferente com o esporte. Com treinos alternativos, cortes de salários, perdas de patrocínios e uma crescente preocupação nos(nas) profissionais, esse período ficou marcado na nossa história, e será sempre lembrado pela força e determinação das mulheres envolvidas com o mundo esportivo, unidas para passar por um tempo tão inesperado e conturbado.

## **Histórias de engajamento feminino no esporte**

O tema a seguir traz consigo sete notícias, e aborda histórias de mulheres atletas, que conseguiram seu reconhecimento em um meio esportivo tão machista. As atletas começaram a participar mais de campeonatos esportivos a partir da segunda metade do século XX, sendo que as jogadoras brasileiras tiveram maior participação nos Jogos Olímpicos de 1970 e o primeiro ouro olímpico aconteceu em Atlanta em 1996, no voleibol de praia em dupla (Goellner, 2005). Essa categoria temática, então, dialoga diretamente com o primeiro e o segundo temas presentes nessa análise, mostrando a vida das profissionais no esporte nos dias atuais, bem como as dificuldades e as soluções encontradas por elas para enfrentar os desafios.

Para iniciar, podemos citar a paratleta Beth Gomes que, desde os 14 anos, iniciou sua trajetória esportiva. Aos 28 anos, ela foi diagnosticada com esclerose múltipla (doença autoimune que atinge o sistema nervoso central, causando lesões cerebrais e na medula) e teve que adaptar sua vida social e esportiva, mas isso não a impediu de se reinventar por aquilo que ela amava. Conhecida como fênix ou atena brasileira, Beth tem como suas principais conquistas: ouro no lançamento de disco no Mundial Dubai 2019; ouro no lançamento de disco nos Jogos Parapan-Americanos Lima 2019; bronze no arremesso de peso no Mundial Doha 2015; ouro no lançamento de disco e prata no arremesso de peso nos Jogos Parapan-Americanos Toronto 2015<sup>xxviii</sup>.

Em sequência, temos a ginasta Rebeca Andrade. Desde os quatro anos, ela iniciou na ginástica e sempre se destacou pelo seu talento. Durante sua vida esportiva,



Rebeca recebeu duas medalhas olímpicas (prata no individual geral e ouro no salto sobre a mesa) e também teve sua marca registrada quando se apresentou ao som da música brasileira de funk “Baile de Favela” nas competições olímpicas de Tóquio (2021). Infelizmente, a ginasta passou por três cirurgias durante sua carreira (em 2015, 2017 e 2019), em decorrência de um rompimento no ligamento do joelho direito, mas isso nunca impediu Rebeca de se destacar e encantar o mundo com seu talento<sup>xxix</sup>.

Gabriella Maria Zanotti, jogadora do time feminino de futebol do Corinthians, também ganha destaque nesse tema. Gabi começou no esporte jogando *beach soccer* e, de 2018 até o momento da escrita dessa reportagem, defendia a equipe do Corinthians. Dentro do clube, ela teve um papel importante de diversas conquistas no Campeonato Paulista e na Libertadores, e segue representando muito bem o time desde o início da sua carreira<sup>xxx</sup>.

Outra jogadora que está se destacando no futebol feminino é Ketlen Wiggers. Ela estreou no time do Santos em 2007, com apenas 15 anos, e em 2020 se tornou a maior artilheira das Sereias da Vila, ao marcar seu 100º gol usando a camisa preta e branca<sup>xxxi</sup>.

Não podemos deixar de mencionar a técnica do time feminino brasileiro de futebol Pia Sundhage durante o último ciclo para a copa do mundo da modalidade, que também está deixando sua marca no esporte. Pia iniciou-se no meio esportivo tendo que driblar o machismo, já que precisou fingir ser homem para poder participar das competições suecas, usando o nome de Pele Sundhage. Em sua carreira como jogadora, ganhou a Chuteira de Ouro da Eurocopa (1984), a Bola de Ouro da Eurocopa (1984) e como Artilheira do Campeonato Sueco (1982, 1983). Como técnica, ganhou a premiação de Treinadora do Ano FIFA (2012) e de Treinadora do Ano WUSA (2003)<sup>xxxii</sup>.

A luta das atletas vai muito além do esporte e, como exemplo, podemos citar o caso que aconteceu com Fabi, ex-atleta brasileira de voleibol. A profissional já havia tido seu marco no meio esportivo, sendo bicampeã olímpica em Pequim (2008) e Londres (2012) e, em 2020, compartilhou em seu *Instagram* a sua felicidade quando sua esposa ficou grávida, após uma segunda tentativa de inseminação artificial. Após o *post*, ela recebeu comentários maldosos dos internautas, porém não se deixou abalar, e continuou mostrando sua resistência nas redes sociais<sup>xxxiii</sup>.

Também podemos falar de Nildinha, que foi jogadora de futebol profissional. No decorrer de sua carreira, ela defendeu times como Portuguesa, Flamengo, Grêmio, Vasco, Cresspom, América de Natal, Palmeiras e Corinthians. Dessa forma, aos 21 anos, conciliava a vida no esporte com a maternidade. Ela jogou até os 42 anos, sendo

artilheira do Campeonato Paulista em 2008 e 2009 e, agora, aos 49 anos, compartilha sua vida como ex-atleta no *Instagram*<sup>xxxiv</sup>.

A literatura científica também analisa e apresenta histórias de engajamento feminino em diversificadas práticas corporais, como na capoeira (Araújo; Souza; Marani, 2022), nos esportes paralímpicos no Brasil (Tenon, 2021) e na inserção das mulheres negras no esporte olímpico (Ferreira Júnior, 2021). Essas e outras jogadoras fizeram e ainda fazem resistência dentro e fora do esporte, mostrando seu talento, lutando por uma sociedade melhor e por um espaço inclusivo, além de incentivar e inspirar meninas pelo mundo todo.

## **Assédio contra as mulheres no esporte**

Nesse último tema, analisamos cinco notícias para poder retratar os casos de assédio sofridos pelas mulheres no esporte e o posicionamento de outros(as) atletas e dirigentes quanto a esse fato lastimável. O preconceito e a desigualdade de gênero sempre buscam assegurar o padrão de que as mulheres possuem uma função social diretamente e somente ligada à maternidade e atividades domésticas, mantendo a divisão binária entre "homem/sexo forte" e "mulher/sexo frágil" (Teixeira; Caminha, 2013). Nesse cenário, é comum que o homem se sinta superior e dono do corpo feminino, fazendo com que o assédio seja algo presente no cotidiano das mulheres.

Rogério Caboclo, ex-presidente da CBF, foi afastado do cargo após ser acusado de assédio sexual e moral contra uma funcionária. Quando ela se pronunciou, Caboclo ofereceu R\$12 milhões para calar a vítima, mas não funcionou, pois, a mulher manteve sua denúncia. O caso repercutiu, em consequência do grito de coragem dessa funcionária, ao denunciar o homem mais poderoso do futebol brasileiro naquele contexto histórico<sup>xxxv</sup>.

As jogadoras e os dirigentes postaram uma nota de repúdio quanto ao caso nas redes sociais, posicionando-se contra Caboclo. A postagem foi feita após alguns dias da repercussão da acusação, e mostrou um ato importante e corajoso, já que as mulheres são tão ignoradas dentro do meio esportivo. No entanto, as atletas carregam a responsabilidade de representar as lutas femininas no esporte, logo, a manifestação feita foi mais do que necessária.

Caboclo ainda tentou, covardemente, retornar para o cargo que antes ocupava, porém teve seu pedido negado e seu afastamento foi ampliado pela Comissão Ética. Durante esse processo, ele havia apelado para o Centro de Mediação e Arbitragem, então a escritora e filósofa Djamilla Ribeiro foi contratada para dar um parecer sobre o caso, situação em que a mesma falou sobre as possíveis consequências e repercussões para a entidade se Caboclo retornasse para seu cargo. Sobre essa



reportagem, Djamilla comentou que foi muito importante a sua participação em um espaço hegemonicamente composto por homens e que o assédio sexual é considerado lugar comum<sup>xxxvi</sup>.

Outros casos de assédio também já foram denunciados dentro do esporte, mostrando mais uma dificuldade que as mulheres enfrentam no seu cotidiano nesse meio. Como exemplo, podemos citar uma situação que aconteceu nos Jogos Pan Americanos (2019), quando Ricardo Souza, que era o presidente em exercício da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), foi acusado de assédio sexual e moral contra uma funcionária da mesma entidade. Gravações de áudio confirmaram as intenções de Ricardo quanto à funcionária, fazendo com que ele fosse afastado do cargo. Porém, em setembro daquele mesmo ano, ele reassumiu o poder, o que gerou revolta no meio esportivo e levou o Comitê Olímpico do Brasil (COB) a cortar as verbas fornecidas para a CBHb<sup>xxxvii</sup>.

Indo ao encontro desses acontecimentos relacionados ao assédio vivenciado por mulheres no mundo esportivo, Gama (2018) aponta reflexões críticas quanto à atuação das mulheres no esporte, utilizando argumentos trazidos pela pesquisadora Silvana Goellner em seus artigos anteriormente escritos, pontuando fatores políticos, históricos e econômicos que perpetuam essa temática. Como principais resultados, a entrevistada comenta sobre alguns fatores primordiais para a desigualdade de gênero no esporte, tais como a falsa ideia de que, biologicamente, as mulheres seriam mais frágeis e fracas; a assepsia da diversidade, ou seja, a falta de representatividade feminina de diferentes etnias, sexualidades, distintas religiões, entre outros aspectos; a constante comparação do gênero feminino com o masculino, o que sempre inferioriza as conquistas realizadas pelas atletas e diminui a importância de seus feitos no meio esportivo; e a mídia como uma grande apoiadora e disseminadora da erotização feminina, o que pode aumentar a incidência de abusos no dia a dia das mulheres, além de dilatar cada vez mais a objetificação acerca de seus corpos.

Vale a pena ressaltar que esse tema possui poucas notícias, porém isso pode se dar ao fato de a análise estar pautada nos anos de pandemia do Coronavírus, o que causou o distanciamento social e, com isso, a diminuição dos casos de assédio ou a possibilidade de efetivar essas denúncias. Além disso, muitos crimes como esses acontecem no mundo todo, mas são silenciados pela sociedade machista e opressora que possuímos, que insiste em calar e desencorajar as mulheres que são vítimas desses casos. Essa realidade se faz presente inclusive em academias de musculação, espaço que as pessoas do gênero feminino se sentem muitas vezes assediadas durante a realização de exercícios físicos (Pinheiro; Caminha, 2022).

## **Considerações finais - por uma Educação Física escolar que problematize as relações de gênero que atravessam as práticas corporais**

Temáticas como a representatividade feminina no esporte, o preconceito social e o descaso com o esporte, os impactos da pandemia no esporte feminino, as histórias de engajamento feminino no esporte e o assédio contra as mulheres no esporte foram aquelas que se destacaram na análise realizada no Blog Dibradoras entre os anos de 2020 e 2021.

Portanto, constatamos que as mulheres ainda vivem diversas opressões para garantir a sua representatividade no mundo das práticas corporais, mas com um processo de engajamento coletivo, elas estão ganhando o seu espaço. Assim, o meio de comunicação pesquisado é de extrema relevância para colocar em evidência as relações de gênero que atravessam as práticas corporais para a sociedade brasileira.

Nesse contexto, defendemos que todos os aspectos econômicos, sociais, históricos, políticos, biológicos e fisiológicos sobre as práticas corporais femininas, que foram analisados e debatidos nesse artigo, sejam problematizados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, podendo ser esse manuscrito um potente documento científico para inspirar essas reflexões com os(as) jovens que frequentam a Educação Básica brasileira.

Destacamos que essa defesa está amparada no debate curricular mais contemporâneo da área, pois os currículos do componente inspirados nas teorias críticas (principalmente crítico-superador e crítico-libertador) apontam que as aulas de Educação Física precisam ter como função social a busca constante pela problematização das relações de gênero que atravessam as práticas corporais, desde que esse debate não se abstenha da luta de classes que influência, de forma significativa, as opressões vivenciadas pelas mulheres na estrutura societária e na sua participação em diversificadas práticas da cultura corporal (Maldonado; Freire, 2022; Maldonado *et al.*, 2022).

## **Referências**

- ALTMANN, Helena; MARIANA, Marina; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na Educação Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 285-301, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/12375>. Acesso em: 06 nov. 2023.
- ARAÚJO, Pâmela Figueiredo Barbosa; SOUZA, Mauro José; MARANI, Victor Hugo. Corpo, gênero e capoeira: experiências autoetnográficas a partir dos estudos



culturais físicos. **Licere**. v. 25, n. 1, p. 343-368, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/39109>. Acesso em: 08/07/2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, v. 24, n. 45, p. 57-75, 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/7671>. Acesso em: 06/11/2022.

DORNELLES, Priscila Gomes; DAL'LGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. especial, 1585-1599, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/LS9qxc4wwJNWDYg83zPLdBN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06/11/2022.

FERREIRA JÚNIOR, Neilton. “Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram”: aspectos da inserção da mulher negra no esporte olímpico. In: RUBIO, Katia. **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo: Laços, 2021. p. 63-88.

GAMA, Gabriel Canuto Nogueira. Os caminhos do futebol praticado por mulheres no Brasil: entrevista com Silvana Goellner. **Fúlia/UFMG**. v. 3, n. 3, p. 170-177, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14789>. Acesso em: 06/11/2022.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo. Performatizações queer na Educação Física Escolar. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82502>. Acesso em: 06/11/2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100,

2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/106>.

Acesso em: 06/11/2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 04/11/2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**. São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <http://jornal.usp.br/especial/revista-usp-117-a-sub-representacao-do-futebol-praticado-por-mulheres-no-brasil-ressaltar-o-protagonismo-para-visibilizar-a-modalidade/>. Acesso em: 06/11/2022.

GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo sem Fronteiras**. v. 19, n. 2, p. 609-627, 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/gomes.pdf>. Acesso em: 06/11/2022.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais de gênero. *In*: COSTA, Maria Vorraber. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

MALDONADO, Daniel Teixeira *et al.* Educação Física no Ensino Médio integrado na educação profissional: práticas corporais e justiça social. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira. **Educação Física Escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba: CRV, 2022. p. 193-218.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Por uma Educação Física Escolar feminista. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 15-38, 2021. Disponível em:

<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3135>.

Acesso em: 06/11/2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. Produção curricular na área de Educação Física: possíveis apontamentos de uma virada epistemológica no cotidiano escolar. *In*: FREIRE, Elisabete dos Santos et al.

**Saberes de professores e professoras de Educação Física:** docência, pesquisa e o currículo em ação. Curitiba: CRV, 2022. p. 39-56.

MOURA, Giovanna Xavier *et al.* Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 17-30, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p17>. Acesso em: 08/07/2023.

NICOLINO, Aline Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/72058>. Acesso em: 06/11/2022.

PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Mulheres praticantes de musculação e assédio sexual: uma análise das narrativas. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 25, e68019, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/pef/article/view/68019>. Acesso em: 08/07/2023.

ROSA, Marcelo Victor *et al.* Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Revista Gênero**. v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/46923/26914>. Acesso em: 08/07/2023.

RÚBIO, Kátia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**. São Paulo, n. 122, p. 49-62, julho/agosto/setembro, 2019. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162617/156456>. Acesso em: 08/07/2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009.

SILVA, André Luiz dos Santos *et al.* Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de jogadoras da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia.

**Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27007, 2021. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110137>. Acesso em: 08/07/2023.

TEIXEIRA, Fábio Luis Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**. Porto Alegre, v.

19, n. 1, p. 265-287, 2013. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/30943>. Acesso em: 06/11/2022.

TONON, Luciane Maria Micheletti. Atletas paralímpicas brasileiras: esportes, ensaios e histórias. *In*: RUBIO, Katia. Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta. São Paulo: Laços, 2021. p. 89-100.

Recebido em: 12/07/2023

Aprovado em: 09/09/2023

Publicado em: 07/12/2023

<sup>i</sup> <https://dibradoras.com.br/>

<sup>ii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/08/12/a-licao-dos-eua-pais-tem-60-das-medalhas-em-toquio-conquistadas-por-mulheres/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>iii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/07/23/naomi-osaka-acende-pira-olimpica-de-toquio-em-cena-historica-na-abertura/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>iv</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/03/01/1a-jogadora-trans-no-futebol-argentino-hoje-posso-ser-quem-realmente-sou/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>v</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/02/19/marta-35-anos-como-a-melhor-do-mundo-mudou-o-jogo-dentro-e-fora-de-campo/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>vi</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/07/26/skate-e-sim-para-todo-mundo-nao-e-so-para-meninos-diz-medalhista-fadinha/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>vii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/08/26/atletas-e-lbf-lancam-campanha-por-apoio-ao-basquete-levante-a-bola-delas/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>viii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/05/06/cris-souza-tecnica-melhor-do-mundo-quer-que-o-futsal-tenha-voz/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>ix</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/05/26/edina-faz-historia-de-novo-e-sera-a-1a-mulher-a-apitar-jogo-da-libertadores/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>x</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/10/21/nova-coordenadora-da-fpf-quer-mostrar-que-o-futebol-feminino-e-rentavel/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xi</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/07/10/como-tcc-levou-clara-albuquerque-ao-esporte-e-a-cobrir-champions-e-cr7/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/10/31/isabelly-e-a-nova-narradora-da-band-cada-passo-que-uma-da-e-por-todas/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xiii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/09/10/brasileiro-feminino-neoenergia-mais-que-patrocinio-uma-luta-por-igualdade-de-genero/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xiv</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/10/25/com-selecao-feminina-em-campo-globo-tem-aumento-de-audiencia-em-sp-e-rj/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xv</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/11/23/cbf-mostra-descaso-com-futebol-feminino-em-despedida-de-formiga/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xvi</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/07/16/por-que-marta-vai-para-a-olimpiada-de-toquio-sem-patrocinio-esportivo/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xvii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/09/30/selecao-feminina-de-flag-faz-vaquinha-para-ir-a-mundial-e-quer-consolidar-esporte-no-pais/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xviii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/05/26/simone-biles-e-caster-semenya-ainda-tentam-controlar-mulheres-no-esporte/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xix</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/08/09/jogos-olimpicos-de-toquio-por-que-nao-temos-mais-mulheres-treinadoras/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xx</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/08/06/so-4-da-cobertura-esportiva-e-dedicada-as-mulheres-como-mudar-esse-cenario/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xxi</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/11/16/corinthians-faz-8x0-no-nacional-denuncia-racismo-na-partida-e-e-finalista-da-libertadores/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xxii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/06/28/dia-do-orgulho-lgbtqia-e-o-futebol-com-isso/>. Acesso em: 03 maio. 2022.

<sup>xxiii</sup> Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/04/24/cortes-de-salarios-e-perdas-de-patrocinio-o-impacto-do-coronavirus-na-lbf/>. Acesso em: 03 maio. 2022.



- xxiv Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/04/14/nunca-tive-tanto-tempo-livre-como-tecnicos-de-futebol-lidam-com-pandemia/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxv Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/03/17/treinos-em-casa-atleta-de-quarentena-como-virus-impacta-futebol-feminino/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxvi Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/04/23/joanna-maranhao-expoe-maternidade-real-e-traz-aprendizado-na-pandemia/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxvii Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/04/07/favela-vai-resistir-em-comunidade-do-rj-futebol-ajuda-a-combater-virus/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxviii Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/08/18/uma-vida-pelo-esporte-conheca-a-historia-de-beth-gomes-paratleta-do-lancamento-de-disco/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxix Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/07/28/quem-e-rebeca-andrade-a-ginasta-que-brilhou-com-baile-de-favela-em-toquio/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxx Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/12/12/craque-na-areia-zanotti-foi-para-o-campo-aos-21-e-virou-10-do-corinthians/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxi Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/09/11/maior-artilheira-da-historia-do-santos-ketlen-sera-1a-a-chegar-a-100-gols/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxii Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/07/20/quem-e-pia-sundhage-a-tecnica-que-vai-tentar-levar-o-brasil-ao-ouro-em-toquio/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxiii Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/03/27/multicampea-fabi-sonha-com-futuro-alem-do-rosa-e-da-boneca-para-filha/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxiv Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/04/03/mae-goleadora-nildinha-jogou-ate-os-42-e-tenta-carreira-fora-dos-campos/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxv Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/09/22/djamila-ribeiro-retorno-de-caboclo-a-cbf-seria-temerario-incoerente-e-injusto/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxvi Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/09/22/djamila-ribeiro-retorno-de-caboclo-a-cbf-seria-temerario-incoerente-e-injusto/>. Acesso em: 03 maio. 2022.
- xxxvii Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/11/06/atletas-pedem-afastamento-de-presidente-da-cbhb-condenado-por-assedio/>. Acesso em: 03 maio. 2022.